

Federação do Comércio de Bens, Serviços e
Turismo de Santa Catarina

ICF

Intenção de Consumo das Famílias

Núcleo de Estudos Estratégicos Fecomércio SC
Setembro de 2021

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	2
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA.....	5
CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO	8
PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO	12
METODOLOGIA.....	14

SUMÁRIO EXECUTIVO

A Intenção de Consumo das Famílias Catarinenses (ICF) atingiu 51,1 pontos em setembro, patamar pessimista que mantém-se nos últimos 17 meses. Ainda, depois de estar em trajetória de crescimento entre abril e julho deste ano, a insatisfação das famílias acelerou as perdas ao cair 3,75% diante do mês anterior, segunda redução seguida. O resultado mostra cautela diante das dificuldades ocasionadas pela aceleração dos níveis de preços e do aumento das taxas de juros.

Ao analisar os componentes do ICF, nota-se que o movimento de retomada econômica e o avanço da imunização ainda são insuficientes para reverter os níveis de satisfação dos consumidores aos encontrados na pré-crise, assim, todos seguem com variação negativa em relação a fevereiro de 2020, inclusive, estão em patamar pessimista.

A maior contribuição negativa no mês está associada ao nível de consumo atual das famílias, que reduziu 16,14% frente a agosto, acelerando as perdas e renovando a mínima histórica pelo 12º mês sucessivo. Nesse campo, 91% dos entrevistados afirmam estarem comprando menos que antes. Além disso, o acesso ao crédito acelera a tendência de deterioração com a quinta queda seguida e 59,8% dos consumidores acreditam que comprar a prazo está mais difícil.

O alerta do mês também está vinculado à queda na Perspectiva Profissional das famílias para os próximos seis meses de 5,3%, interrompendo a trajetória de crescimento. Essa redução ainda não pode ser observada como uma tendência, mas é um sinal de atenção, sobretudo, em relação ao comportamento da economia em 2022, que apresenta projeções de diminuição.

O impacto negativo foi atenuado pelo avanço das expectativas futuras das famílias para o consumo. Esse componente se mantém em tendência positiva nos últimos meses e é reforçado pelo ambiente econômico mais favorecido, entretanto, o índice conserva-se em nível pessimista, onde 61% das famílias afirmam que devem consumir menos nos próximos três meses.

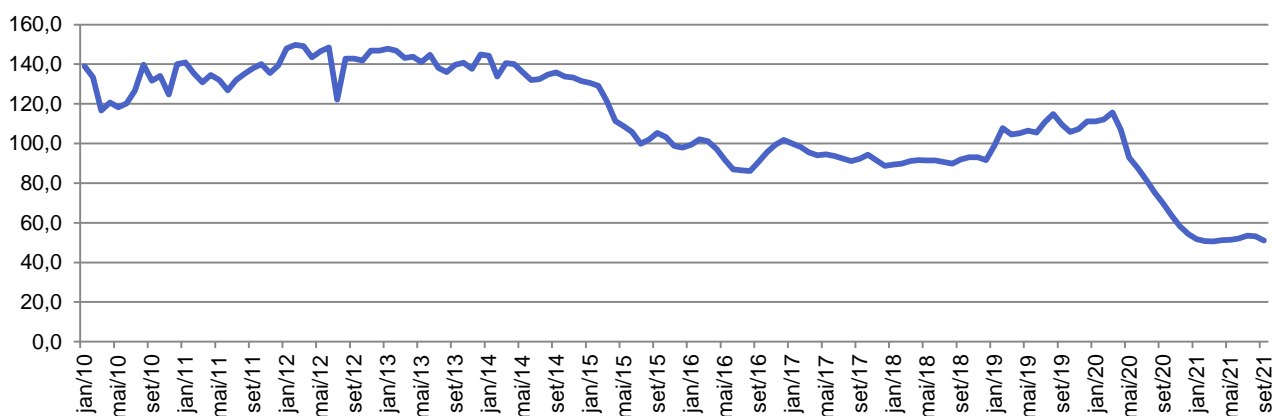
Intenção de Consumo das Famílias catarinenses acelera redução e persiste em ciclo de mínimas históricas

O indicador ficou em 51,1 pontos numa escala de 0 a 200

Indicadores	fev/20	set/20	ago/21	set/21	VARIAÇÃO MENSAL	VARIAÇÃO ANUAL - Igual período	VARIAÇÃO ANUAL - Fev.2020 (pré-pandemia)
Emprego Atual	123,5	84,6	56,5	54,1	-4,26%	-36,03%	-56,20%
Perspectiva Profissional	143,2	79,5	91,3	86,5	-5,27%	8,81%	-39,60%
Renda Atual	121,3	94,8	58,5	60,2	2,94%	-36,50%	-50,35%
Acesso ao Crédito	110,0	65,0	52,7	50,1	-4,94%	-22,92%	-54,46%
Nível de Consumo Atual	92,2	55,4	13,1	11,0	-16,14%	-80,16%	-88,08%
Perspectiva de consumo	111,1	67,5	50,4	51,9	3,01%	-23,06%	-53,27%
Momento para duráveis	83,2	41,8	49,1	43,9	-10,50%	5,22%	-47,18%
ICF	112,1	69,8	53,1	51,1	-3,75%	-26,76%	-54,41%

A Intenção de Consumo das Famílias (ICF), após interromper a tendência de recuperação que acontecia por quatro meses seguidos no mês anterior, acelerou a redução das perdas ao diminuir 3,75% na passagem do mês, inclusive, o resultado destoa do nível nacional que apresentou crescimento de 1,9%. Apesar do movimento divergente, ambos os indicadores em termos absolutos situam-se no nível pessimista, 72,5 (nacional) e 51,1 (Santa Catarina) pontos, respectivamente. O resultado do mês consolida o índice no ciclo de mínimas históricas, principalmente, por ser o menor indicador da série histórica iniciada no ano de 2010 na comparação com igual período dos anos anteriores. Assim, no comparativo anual, o movimento de queda acontece pelo décimo sétimo mês sucessivo, ao reduzir 26,8%.

Intenção de Consumo das Famílias (ICF)



A variação negativa no mês de setembro foi minimizada em virtude do crescimento das perspectivas de consumo das famílias (3,0%) e da renda atual (2,9%). Além do mais, esses indicadores estão mitigando maiores impactos negativos na intenção de consumo das famílias durante os últimos meses ao manter a trajetória de crescimento durante os últimos cinco meses.

Do lado oposto, o Nível de Consumo Atual aprofunda e lidera novamente as perdas pelo quarto mês seguido, ao diminuir 16,1% frente ao mês anterior, depois de retrair 17,93% em agosto, 15,9% em julho e 10,3% em junho. Esse resultado leva o índice a renovar a mínima histórica (11,0 pontos) pelo décimo segundo mês consecutivo. A segunda maior queda está relacionada ao Momento para Duráveis (-10,5%), seguido da Perspectiva Profissional, que interrompeu movimento positivo que durava por três meses, ao cair 5,3% no mês. Ainda, o indicador de emprego atual e o acesso ao crédito não demonstram sinais de recuperação ao permanecerem em tendência de queda durante os últimos quatro meses.

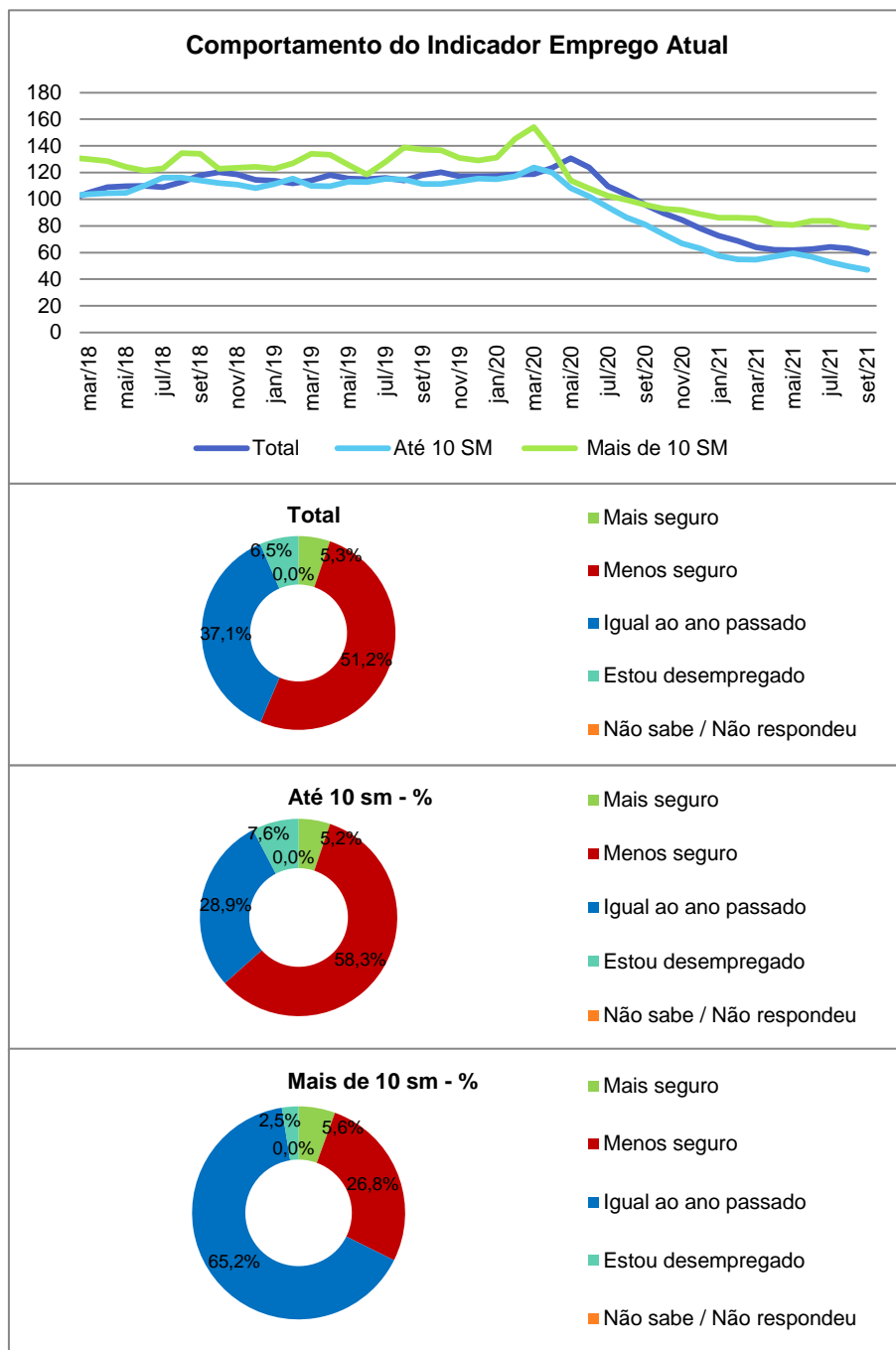
A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias permite avaliar tanto a situação atual quanto às expectativas e perspectivas dos principais aspectos relacionados ao consumo no estado de Santa Catarina, também é possível analisar os dados conforme recorte de faixa de renda familiar menor ou maior que 10 salários mínimos (SM).

MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA

A expectativa do consumidor para o **Emprego Atual** consolida movimento negativo ao diminuir 4,3% frente ao mês anterior, quarta queda sucessiva e média mensal negativa de 2,58% durante o ano de 2021. Assim, o índice renova a mínima histórica da série pelo terceiro mês consecutivo e permanece em patamar pessimista, ao situar-se em 54,1 pontos – valor considerado de sólido pessimismo numa escala que vai de 0 a 200. Ao analisar o mesmo período do ano anterior, o índice persiste em tendência negativa de 36,0%.

Nesse contexto, 51,2% dos entrevistados indicam que estão menos seguros na permanência do Emprego Atual, superior ao apresentado no mês anterior (49,9%) e em julho (48,0%). Na comparação anual, houve acréscimo de 11,7 p.p. em relação ao mesmo período do ano anterior (39,5%). Em setembro de 2020, 24,09% dos entrevistados indicaram estar mais seguros com relação ao emprego, enquanto neste ano, apenas 5,3% afirmam essa condição. Nota-se também

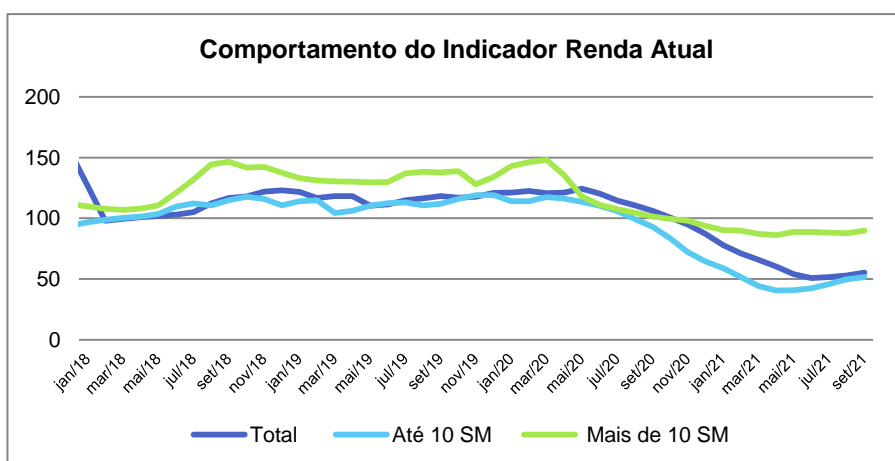
que a quantidade de desempregos esta reduzindo desde maio desse ano, naquele momento 10,49% dos entrevistando indicavam estar nessa situação, enquanto em setembro o resultado foi de 6,5%. Isso mostra o movimento positivo do mercado de trabalho catarinenses.



Essa reversão é um forte indicativo da continuidade da crise e das incertezas sobre os impactos da pandemia na perspectiva dos consumidores quanto à manutenção do emprego atual. Muito embora, o mercado de trabalho formal de Santa Catarina apresenta a criação de mais de 139 mil novos postos de trabalho entre janeiro e julho de 2021 e a taxa de desocupação tenha diminuído no 2º trimestre de 2021 (5,8%) em 0,4 ponto percentual diante do trimestre imediatamente anterior (6,2%) a insegurança das famílias é alta e está ganhando força. Esse resultado pode ser reflexo do fim do programa de manutenção de emprego e renda do Governo Federal, que minimizou as perdas de postos de trabalho e garantiu renda para as famílias. Entre a primeira e segunda versão do benefício, foram alcançados cerca de 521 mil trabalhadores formais em 970 mil acordos realizados, conforme dados do Ministério da Economia de 21 de setembro de 2021. Do montante de acordos, 396.902 ou 40% estão relacionados à suspensão de contratos de trabalho, resultado que indica que o programa evitou parcela considerável de fechamento de postos de trabalho, mas que leva à insegurança das famílias.

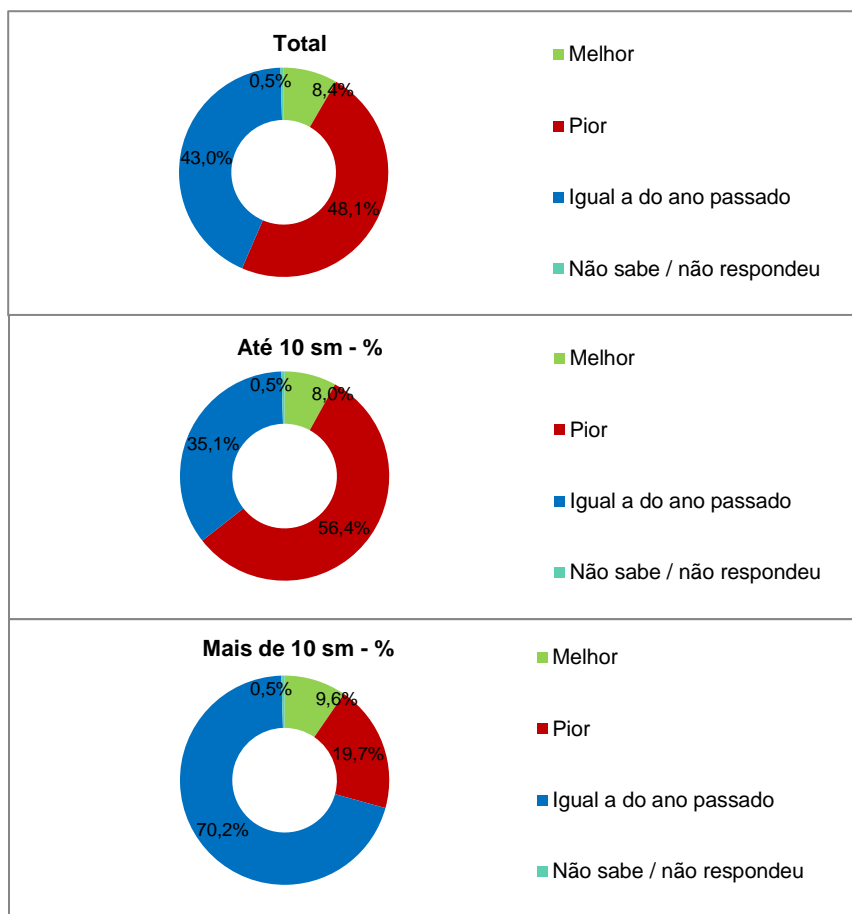
Com relação às faixas de renda analisadas na pesquisa, a tendência acompanha o indicador principal quanto ao grau pessimista das famílias. O impacto do emprego no grau de satisfação parece ser mais sentido para as famílias com renda abaixo de 10 SM, que apontou no mês 46,9 pontos, queda de 5,34% frente ao mês anterior. De outro lado, o ritmo das faixas acima de 10 SM, após avanço em junho, voltou a reduzir pelo terceiro mês seguido em 1,76%. Apesar de ambos estarem em patamar pessimista em termos absolutos, a maioria das famílias com renda maior indicam condição equivalente ao ano passado (65,2%) para a permanência no emprego atual, enquanto 58,3% com renda menor afirmam estar menos seguro.

O indicador da **Renda Atual**, após atingir a mínima histórica da série em abril (51,0 pontos), segue em trajetória de crescimento pelo quinto mês sucessivo, ao avançar 3,0% na passagem do mês. Apesar da alta, ao situar-se em 60,2 pontos, o indicador é o terceiro mais afetado no comparativo anual dentre os componentes do ICF, com queda de 36,0%.



O avanço nesse quadro pode estar relacionado à entrada em circulação da concessão dos benefícios de transferência de renda, como o auxílio emergencial do Governo Federal e Estadual e à antecipação do pagamento do 13º salário do INSS, medidas que reforçam a renda das famílias no curto prazo e a expansão do mercado de trabalho formal. Mas, observa-se que o avanço da renda não está sendo revertido na ampliação do consumo atual, que sofre reduções sucessivas. Essa condição pode estar associada às pressões inflacionárias aceleradas, que segundo o IPCA, acumula alta em 12 meses de 9,68%, maior patamar desde 2013 (15,07%) na comparação com igual período.

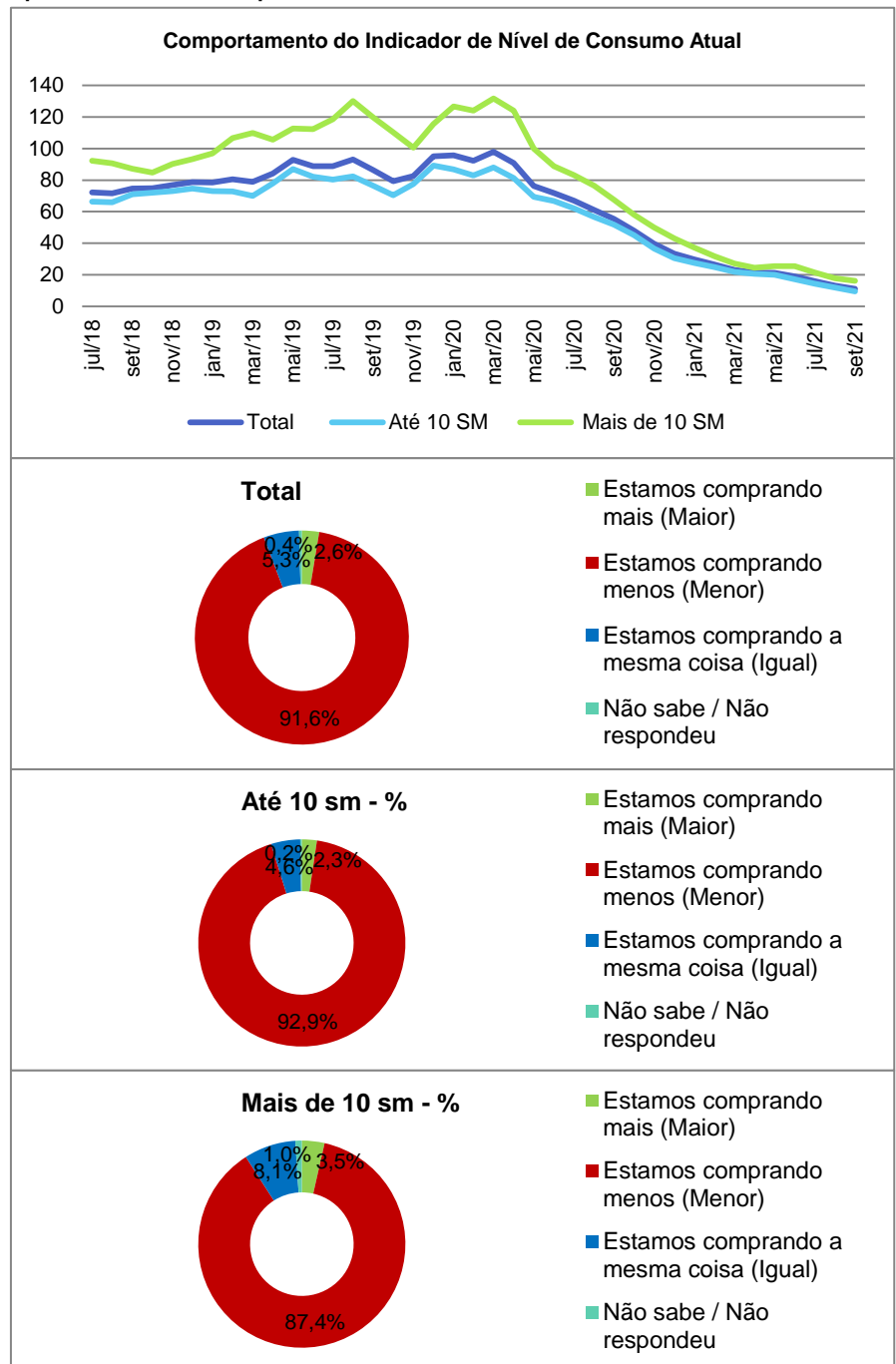
Além disso, as avaliações das famílias demonstraram que a maioria (48,1%) considerou a renda pior do que no ano passado, diante de 50,3% no mês anterior e 30,72% em setembro de 2020. Portanto, apesar do movimento positivo, as condições financeiras das famílias se encontram em níveis insatisfatórios e o avanço é lento e gradual para modificar esse cenário. Ao analisar as faixas de renda, o impacto no indicador de renda atual é mais acentuado para as famílias com renda até 10 SM. Esse resultado é visível na manifestação de 70,2% das famílias com renda maior, que afirmam ter renda equivalente ao ano anterior,



CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO

O indicador do **nível de consumo atual** é o componente com maior impacto negativo do ICF com perdas no comparativo anual de 80,2% com base em igual período. Além disso, segue trajetória de queda ao renovar a mínima histórica pelo décimo segundo mês consecutivo ao atingir 11,0 pontos. Na passagem do mês, o indicador encerrou com forte queda de 16,1%, após redução de 17,9% no mês anterior e 15,9% em julho. O movimento de queda se mantém numa velocidade extremamente preocupante e completa o 18º mês seguido de movimento negativo, inclusive a média de 2021 alcança -11,50% e é superior ao resultado em igual período do ano anterior (-5,66%).

É interessante analisar que o impacto da pandemia sobre o nível de consumo ocorreu de maneira bastante similar para as duas faixas de renda analisadas, além disso, também renova o menor nível da série histórica neste mês em termos absolutos. Na evolução mensal média dos últimos 12 meses o nível de consumo para a faixa de renda de até 10 SM apresentou variação de -13,1%, enquanto para as faixas maiores a evolução foi de -11,0%. Em termos de pontos, as faixas superiores de renda mantiveram-se em nível sustentadamente maior do que as faixas

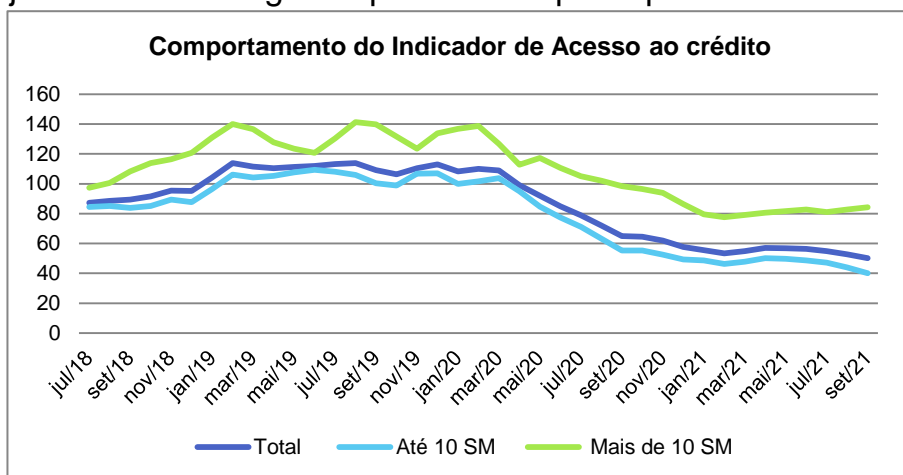


menores, movimento predominante que deve estar associado à precaução e represamento, com constituição de reservas em poupança e investimentos.

A aceleração na deterioração do consumo atual também é visível nas respostas dos consumidores. A pesquisa aponta que 91% dos consumidores relatam estarem comprando menos do que antes, aumento de 1,6 p.p comparada ao mês anterior (90,00%) e apenas 2,6% afirmam estarem comprando mais que antes. Valores opostos na comparação com setembro de 2020, onde 58,6% das famílias indicavam estarem comprando menos do que antes e 14,0% comprando mais.

Com relação às faixas de renda, esse cenário é equivalente para ambos os grupos. 87,4% dos entrevistados com renda acima de 10 SM relatam estarem comprando menos que antes e 92,9% para famílias com renda abaixo de 10 SM também indicam menos compras. Essa queda no consumo pode estar relacionada aos impactos inflacionários, que corrói o poder de compra dos consumidores.

Com relação ao indicador de **Acesso ao Crédito** houve aceleração na trajetória de redução na passagem do mês, com queda de 5%, após diminuir 3,9% em agosto e 2,8% em julho. O ciclo negativo permanece pelo quinto mês consecutivo e coincide com o período de elevação da taxa de mercado. No comparativo anual a tendência negativa é mantida, com queda de 22,9% em relação ao ano anterior. Esse resultado leva o indicador em termo absoluto a renovar pelo segundo mês consecutivo o menor patamar da série histórica da pesquisa, e mantém indicando perspectiva negativa das famílias para o acesso ao crédito ao situar-se em 50,1 pontos.

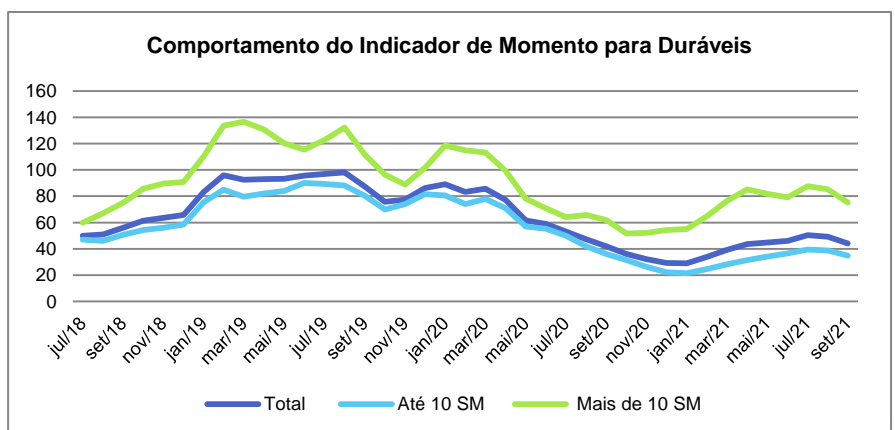
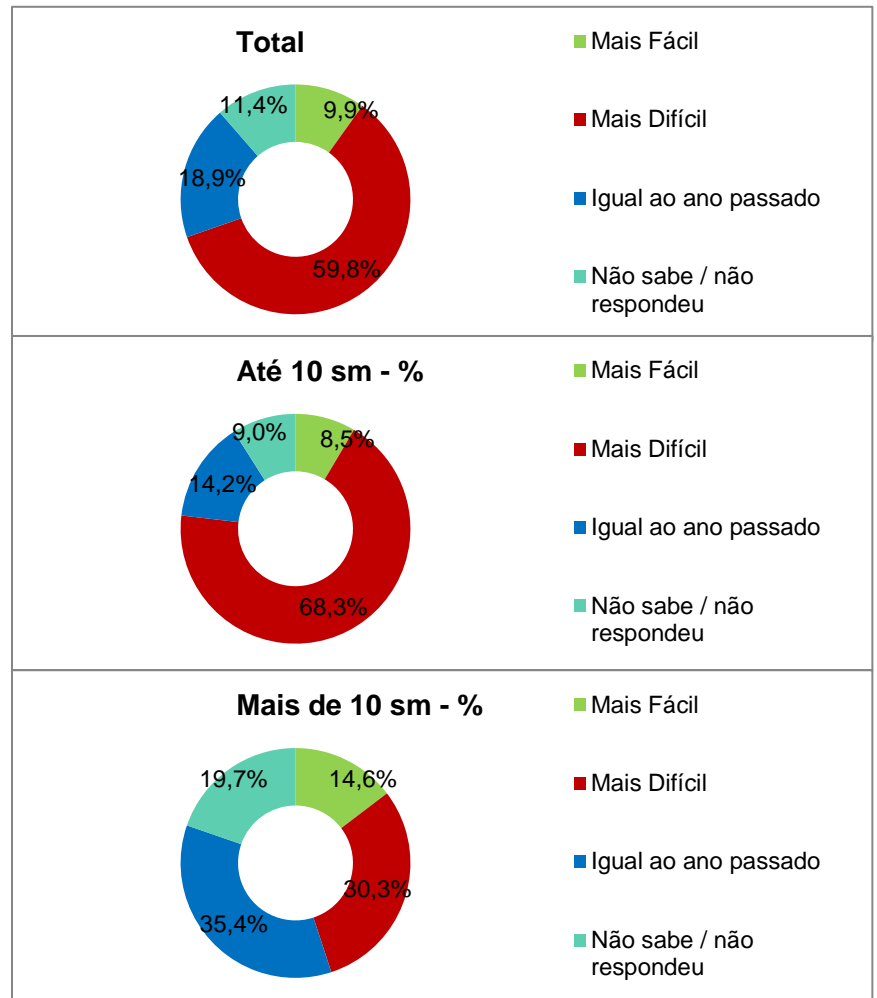


O movimento de queda deve estar ligado ao aumento na taxa SELIC que ocorre desde março deste ano, que resultou na elevação da taxa de 2,0% para 6,25% ao ano, acréscimo de 4,75 pontos percentuais em um intervalo de cinco meses. As expectativas de mercado indicam que o aperto monetário deve ser intensificado até atingir ao final do ano 8,25%, segundo relatório Focus de 24 de setembro de 2021. Esses ajustes têm como objetivo reduzir o IPCA para mais próximo da meta (3,75%) e diminuir o ritmo de aceleração dos preços.

A proporção das famílias que acreditam que comprar a prazo está mais difícil teve acréscimo de 2 p.p na passagem do mês, alcançando em setembro 59,8% dos entrevistados, perante 57,8% em agosto e 56,1% em julho. Ao comparar com igual período de 2020 (51,62%), houve avanço de 8,2 p.p- essa proporção mais elevada pode ser reflexo da diminuição de linhas de crédito, restrições financeiras, falta de garantias ou da ampliação dos juros. Considerando o recorte de faixa de renda, às famílias com renda superior a 10 SM ultrapassaram em setembro/2020 o limiar que passa a considerar desfavorável o acesso ao

crédito e a partir de novembro converge com a tendência das famílias com faixas abaixo de 10 SM. Na média da variação mensal em 12 meses, os grupos de renda são divergentes na proporção em termos absolutos (40,1 pontos para até 10 SM e 84,3 pontos acima de 10 SM), mas equivalente no movimento de diminuição, com queda de 2,6% (até 10 SM) e -1,2% (acima de 10 SM).

O momento para **duráveis** apresentou a segunda maior queda na passagem do mês dentre os componentes do ICF, redução de 10,5% diante de agosto. Essa é a segunda queda depois do movimento de alta que se mantinha por seis meses seguidos (entre



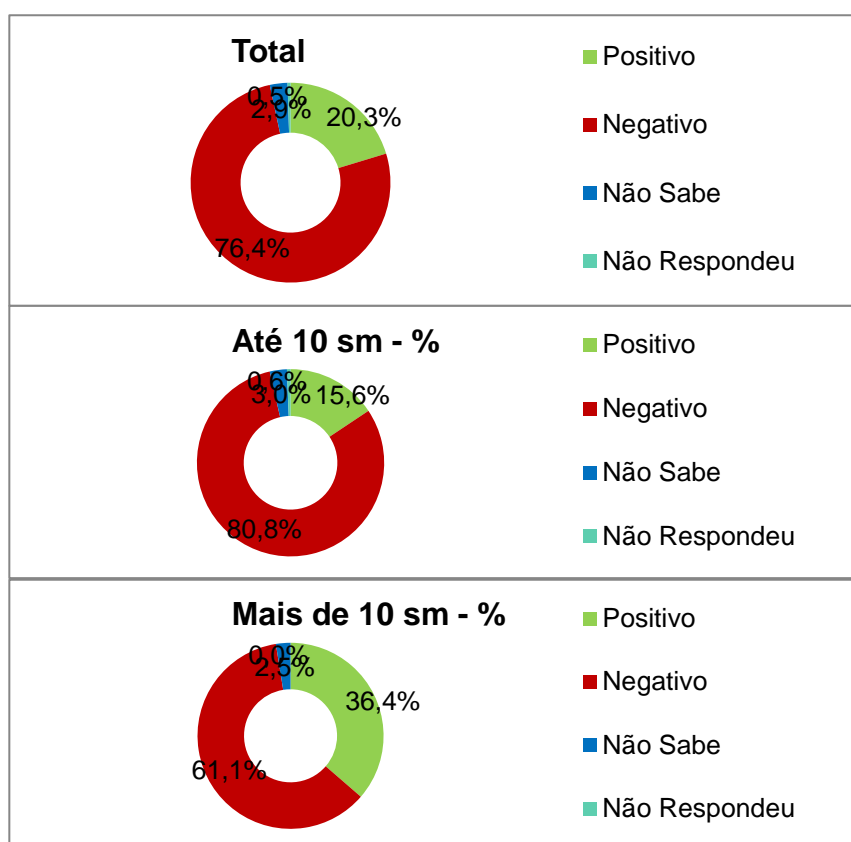
fevereiro e junho deste ano). Apesar da forte queda, o componente permanece com variação positiva (4,97%) na média mensal do ano de 2021, assim, minimizando as perdas ocorridas nos meses anteriores.

Importante notar que em termo absoluto, o momento para duráveis situa-se abaixo dos 100 pontos por 58 meses seguidos (desde dezembro de 2016), o que indica a persistência do patamar negativo mesmo antes da pandemia. O indicador está atualmente em 43,9 pontos, após atingir a baixa recorde de 29,0 pontos em janeiro

de 2021, considerando a série histórica iniciada em 2010. Esse nível é considerado ainda muito preocupante em termos absolutos.

Com relação às faixas de renda, o impacto da pandemia ocorreu inicialmente de maneira mais intensa sobre as faixas de renda mais altas, que até março de 2020 se encontravam em patamar considerado favorável (acima de 110 pontos) e tiveram reversão de tendência, passando a indicar patamares abaixo dos 100 pontos. Entretanto, as famílias com faixa de renda de até 10 SM já enfrentavam tendência negativa para o consumo de duráveis desde dezembro de 2016, momento em que o nível de pontos estava acima dos 100. Ainda que os grupos de faixas de rendas também tenham apresentado queda na passagem do mês, ambos têm apresentado tendência de recuperação de maneira similar na média mensal do ano, de 5,6% (até 10 SM) e 4,2% (mais de 10 SM).

A parcela de consumidores que acreditam ser um momento negativo para compras deste tipo de produto atingiu 76,4%, maior que os 73,6% observados no mês anterior. A proporção dos consumidores que acreditam ser um momento positivo para essas compras alcançou 20,3%. O elevado patamar pessimista reflete a maior restrição no acesso ao crédito observada na prática, assim, como é uma reação por parte dos consumidores frente ao cenário de incerteza futura, que o leva a adotar uma postura conservadora no consumo, evitando realizar gastos mais vultosos e o possível comprometimento da renda.

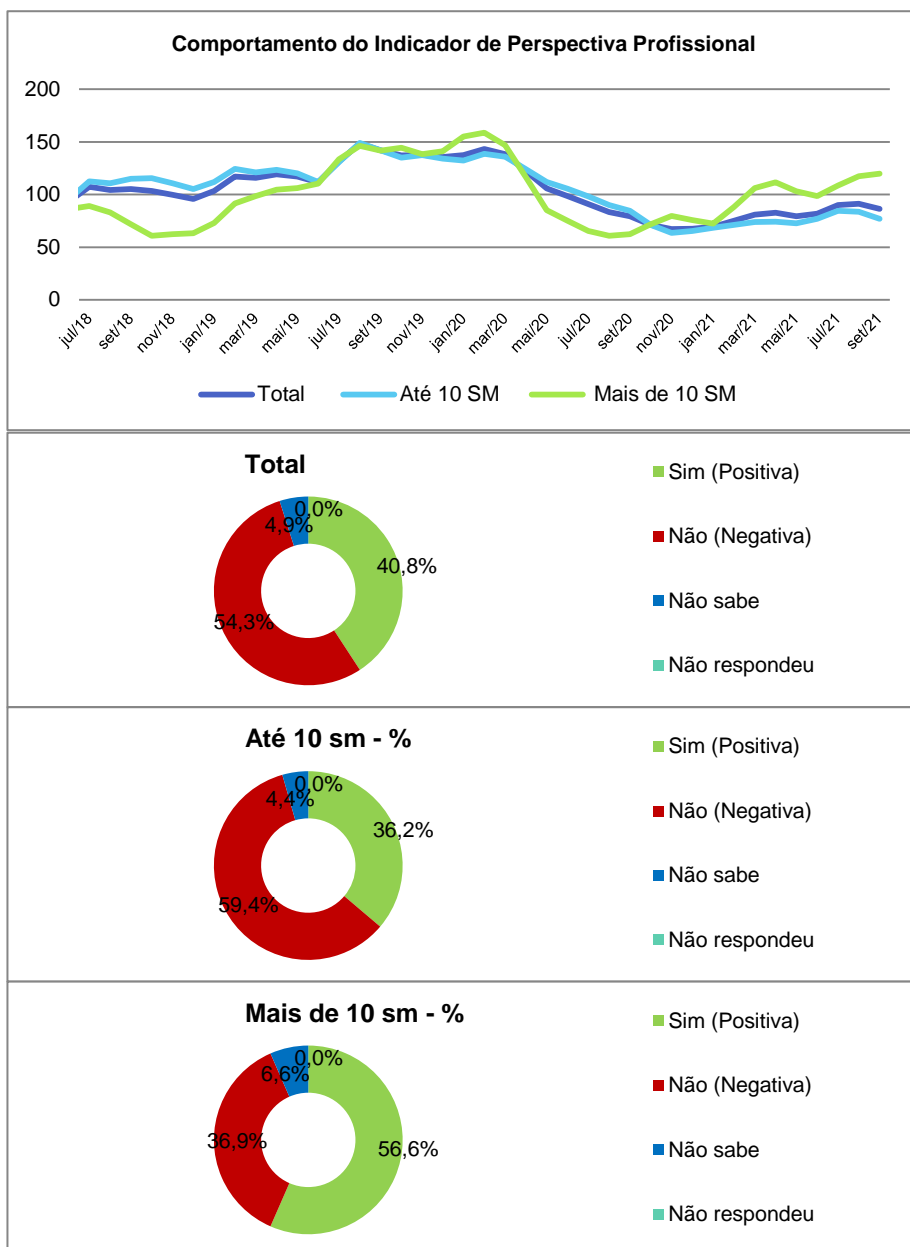


PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO

O indicador de **perspectiva profissional** para os próximos seis meses interrompeu a trajetória de alta que mantinha por três meses seguidos ao reduzir 5,3% diante de agosto, terceira maior queda dentre os indicadores do ICF. A diminuição não foi suficiente para reverter o movimento positivo do ano, assim o índice uniu-se ao componente momento para duráveis (+6,9%) e a Perspectiva para o consumo (0,16%), como os únicos indicadores com média de variação mensal positiva em 2021, de 2,88%. No comparativo anual, permanece em tendência de crescimento, patamar alcançado no mês anterior depois de 15 meses consecutivos de quedas - assim o índice apresenta crescimento de 8,8%.

Importante notar que mesmo com a retomada mensal positiva, em termos de valor absoluto, o indicador encontra-se em nível de percepção pessimista (86,5 pontos), mas se aproxima do nível de divisão entre a intenção positiva e negativa (100 pontos), assim, indica

possível sinal de reversão de tendência nos próximos meses. A queda no mês ainda não pode ser observada como uma tendência, mas é um sinal de cautela, sobretudo, em relação ao comportamento da economia em 2022. A expectativa do crescimento do PIB para 2022 está sendo reajustada durante as últimas quatro semanas pelo mercado, passando de 2,0% para 1,57%.



A maior parcela das famílias (54,3%) demonstrou uma perspectiva profissional negativa em setembro de 2021, enquanto, este valor foi de 51,65% no mês anterior e de 51,9%, em julho de 2020.

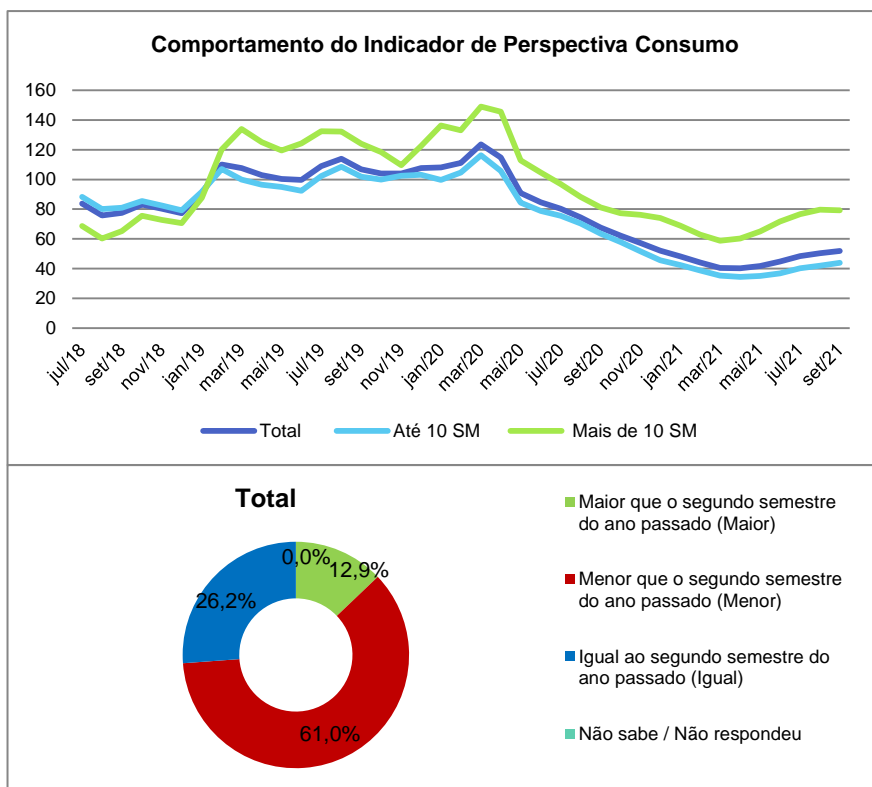
Em relação às faixas de renda, a perspectiva profissional das famílias com renda acima de 10 SM foi muito mais duramente impactada no início, sendo o único indicador em que tal faixa ficou em patamar (60,7 pontos, ago/2020) inferior às faixas de renda familiar abaixo de 10 salários mínimos (90,1 pontos, ago/2020). Após reverter o patamar de confiança no mês anterior ao ultrapassar 100 pontos, o índice (119,7 pontos) segue movimento positivo e registra alta de 2,1% frente a agosto.

Já com relação à faixa de renda até 10 SM, as perspectivas profissionais continuam abaixo dos 100 pontos, mostrando tendência pessimista em relação à expectativa profissional, ao encerrar setembro em 76,8 pontos, queda de 8,3% frente ao mês anterior. Nessa faixa de renda menor, 59,4% dos entrevistados afirmam ter expectativa negativa para a profissão, enquanto na faixa maior, 56,6% indicam perspectiva positiva.

A **perspectiva de consumo**, após interromper o ritmo mensal de variação negativa que se mantinha durante os últimos 13 meses no mês de maio, segue em tendência de alta ao avançar 3,0% na passagem do mês, após variação de +4,2% no mês anterior e 8,3% em julho. Mesmo com o avanço nesse período, o índice permanece em patamar negativo ao situar-se em 51,9 pontos e encerra setembro com média mensal no ano de +0,16%.

Apesar de a tendência ser de alta, o nível do indicador ainda apresenta riscos futuro, pois a trajetória pessimista pode persistir por diversos meses, como foi observado durante a

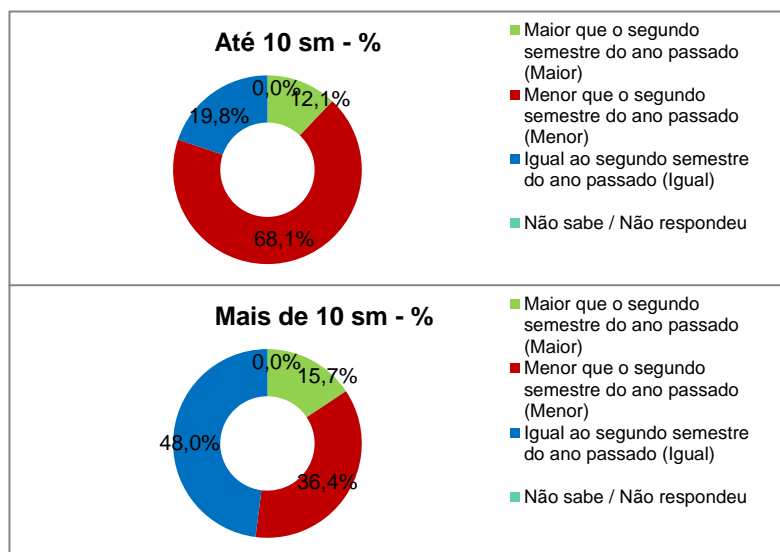
crise de 2016, quando chegou a atingir o fundo de apenas 35,9 pontos em junho de 2016 após um pico de 121,1 em novembro de 2014. De outro lado, é importante notar que a aceleração das perdas nos níveis atuais de consumo apresenta uma divergência entre as perspectivas. Os resultados mostram que



as perspectivas se encontram em patamar superior ao nível atual de consumo, sendo assim, pode resultar em uma melhora dos níveis atuais na medida em que tais perspectivas menos negativas se concretizem e passarem a reverter sua variação negativa.

Para 61% dos entrevistados as expectativas de consumo

para os três meses seguintes serão menores, valor inferior ao apresentado no mês anterior (62,5%), ou seja, os agentes econômicos podem estar ajustando as expectativas, mas em um ritmo lento e gradativo. Com relação às faixas de rendas, a expectativa de consumo também é negativa para o grupo acima de 10 SM, mas os cenários são agravados para o grupo com até 10 SM, onde 68,1% das famílias têm previsão de consumo menor para os próximos meses.



METODOLOGIA

Foram entrevistados na primeira semana do mês consumidores em potencial, residentes no Município de Florianópolis, com idade superior a 18 anos.

Para fixar a precisão do tamanho da amostra, admitiu-se que 95% das estimativas poderiam diferir do valor populacional desconhecido “p” por, no máximo 3,5%, isto é, o valor absoluto “d” (erro amostral) assumiria, no máximo, valor igual a 0,035 sob o nível de confiança de 95%, para uma população constituída de consumidores em potencial.

Preferiu-se adotar o valor antecipado para “p” igual a 0,50 com o objetivo de maximizar a variância populacional, obtendo-se maior aproximação para o valor da característica na população. Em outras palavras, fixou-se um maior tamanho da amostra para a precisão fixada.

Assim, o número mínimo de consumidores a serem entrevistados foi de 500, ou seja, com uma amostra de, no mínimo, 500 consumidores esperou-se que 95% dos intervalos de confiança estimados, com semi-amplitude máxima igual a 0,035, contivessem as verdadeiras frequências.